



Patrimônio etnobotânico do Quilombo Dona Bilina: conhecer, usar e preservar *Ethnobotanical heritage of Quilombo Dona Bilina: know, use and preserve*

CARVALHO, Leonídia Insfran de Oliveira¹; FRANCO, Alice Alves²; MONTEIRO, Bruna Pinto³; PEREIRA, Julia Wagner⁴; PAULA, Adriano Insfran Gomes⁵

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, quilombobilina2017@gmail.com; ² Quilombo Dona Bilina, quilombobilina2017@gmail.com; ³ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, pintomonteirob@gmail.com; ⁴ Quilombo Dona Bilina, juwp@hotmail.com, ⁵ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, quilombobilina2017@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: O presente artigo fornece um panorama histórico e socioambiental do Quilombo Dona Bilina, destacando a criação da horta comunitária e o inventário etnobotânico realizado pelo Ecomuseu Quilombo Dona Bilina. Destaca-se o compromisso da comunidade em preservar saberes e tradições locais, por meio do cultivo e colheita de ervas e plantas na horta, há décadas usadas na alimentação e na medicina tradicional. É ressaltada a metodologia participativa do inventário etnobotânico, que contou com a colaboração de diferentes membros da comunidade, especialmente as rezadeiras e os erveiros locais. O artigo tem como justificativa valorizar os saberes tradicionais agroecológicos coletivos, no que tange à preservação do conhecimento sobre as ervas e plantas nas práticas de saúde tradicional, transmitido oralmente entre as gerações. Como resultado, o inventário etnobotânico contribuiu no reforço identitário, na preservação do modo de vida da comunidade quilombola da região do Rio da Prata, na divulgação da história e memória local pelos seus detentores, na conscientização comunitária e reconhecimento de seus patrimônios locais.

Palavras-chave: ecomuseu quilombo dona bilina; inventário participativo; inventário etnobotânico; identidade; preservação.

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar o Inventário Etnobotânico realizado no Quilombo Dona Bilina, como uma ação de preservação do Ecomuseu Quilombo Dona Bilina. O levantamento desenvolvido originou-se de uma demanda da comunidade, desejosa de salvaguardar os saberes e ensinamentos dos antepassados e de transmiti-los aos mais jovens, mantendo as tradições agroecológicas locais.

O Quilombo Dona Bilina está localizado na vertente norte do Maciço da Pedra Branca, na região do Rio da Prata, no bairro de Campo Grande, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Em 2017, foi reconhecido como comunidade remanescente quilombola pela Fundação Cultural Palmares. Parte de seu território localiza-se nos limites do Parque Estadual da Pedra Branca, criado em 1974, o que gerou, desde então, tensões em relação ao manejo da terra pelas populações



tradicionais. A sobreposição entre unidade de conservação e áreas historicamente utilizadas por comunidades agrícolas, aliada à crescente especulação imobiliária da região, motivou a Associação de Agricultores Orgânicos do Rio da Prata (Agroprata), na figura de Rita Caseiro, a pesquisar e fundamentar a solicitação de reconhecimento quilombola (Caseiro, 2023), garantindo direitos às comunidades locais, que há anos habita e cultiva na região.

No ano de 2020, em meio a pandemia mundial de COVID-19, criou-se a horta comunitária com o objetivo de acrescentar hortaliças e legumes às cestas básicas que estavam sendo distribuídas no território a partir de diversas parcerias do quilombo com outras instituições. Alguns moradores se organizaram e convidaram a comunidade para começar a horta. Além de atender à alimentação, a horta também oferece plantas e ervas de uso na medicina tradicional, para a produção de xaropes, chás, pomadas etc.

O trabalho na horta provocou importantes movimentos locais: produção de alimento saudável para a comunidade (plantio sem veneno); valorização e transmissão de saberes tradicionais (os mais velhos ensinando aos mais jovens); conscientização dos moradores para questões ambientais; rodas de conversa sobre diversos temas de importância local; sistematização de uma rede de apoio; incentivo à abertura de outras hortas em quintais da população; produção de geleias, pomadas, repelentes e outros produtos, com ervas plantadas na horta; elaboração de um livro de culinária tradicional; produção de minidocumentário, dentre outras.

O espaço da horta tornou-se ponto de visitação e de atividades socioeducativas no quilombo, hoje complementado com o centro de convivência, ainda em construção coletiva. Escolas, grupos variados, pesquisadores, representantes públicos e privados, visitam e frequentam esse espaço pedagógico, interagindo com os agricultores, com artistas locais e demais integrantes da comunidade. Para alguns moradores, virou um espaço terapêutico, que reúne memórias e emoções, trabalhadas a partir da lida com a terra.

Em novembro de 2022 foi inaugurado o Ecomuseu Quilombo Dona Bilina seu site (www.ecomuseuquilombodonabilina.com.br), com a proposta de musealização do território a partir da perspectiva dos moradores, princípio básico dos museus comunitários e de território. Garantindo o protagonismo à comunidade, o museu veio somar aos esforços do quilombo nos projetos de desenvolvimento territorial através da preservação e valorização de saberes tradicionais agroecológicos. Buscava-se, dentre outros objetivos, alinhar memória, ancestralidade, território, identidade, meio ambiente, combate ao racismo e violências de gênero e geração de renda à qualidade socioambiental da região, atentando-se para a segurança alimentar da comunidade quilombola e parceiros, assim como para a conservação da natureza, isto é, das nascentes, rios e cachoeiras; dos morros e plantações; e de técnicas agrícolas saudáveis e sustentáveis.



Transformar as histórias e memórias locais em temas do museu também contribuiu para o debate sobre as histórias únicas, sobre as memórias e narrativas oficiais, que ora excluem, ora homogeneízam, a partir de referências política e ideologicamente determinadas, grupos sociais ativos e dinâmicos no fluxo histórico, construindo versões preconceituosas, estereotipadas e depreciativas das comunidades agrárias do maciço. Reconhecer as histórias silenciadas tornou-se um dos objetivos do ecomuseu, valorizando a pluralidade da formação brasileira a partir de muitas identidades sociais.

Dentre as várias ações do Ecomuseu Quilombo Dona Bilina, destaca-se a produção de um inventário etnobotânico de ervas e plantas medicinais existentes na horta. Saberes e práticas de saúde coletiva, transmitidos oralmente, preservam os modos de fazer das comunidades, promovem interação e troca de experiências entre gerações e visibilizam o conhecimento tradicional. Os nomes populares das ervas podem variar, assim como seus usos na culinária, em práticas religiosas (banhos, benzer, rezas) e na medicina tradicional, como a produção de “garrafadas”, remédios, xaropes, chás, compressas, emplastos e cremes, por exemplo.

Metodologia

Em função desse importante e valioso patrimônio da comunidade Dona Bilina, nas suas dimensões históricas, identitárias, culturais, alimentar e medicinal, foi proposto a realização de um inventário participativo, que foi o levantamento das plantas e ervas mais utilizadas no território a partir do conhecimento do morador do quilombo. Que além de coletar e fotografar, informavam para quais doenças são utilizadas, bem como o modo de usar, se chá, xarope, lambedor, emplasto, escalda pés ou para benzer.

O inventário consiste numa metodologia de trabalho que tem por objetivo sistematizar os dados, sendo “[...] modos de produção de conhecimento sobre bens culturais para identificá-los e valorizá-los como patrimônio cultural” (Motta; Resende, 2022). Assim, inventários atribuem valor, baseados em critérios para construir narrativas sobre um assunto.

O inventário participativo conta com a colaboração da comunidade na produção desse conhecimento. De acordo com o IPHAN, inventário participativo é uma metodologia de pesquisa que:

considera a comunidade como protagonista para inventariar, descrever, classificar e definir o que lhe discerne e lhe afeta como patrimônio, numa construção dialógica do conhecimento acerca de seu patrimônio cultural. Alinha, ainda, o tema da preservação do patrimônio cultural ao entendimento de elementos como território, convívio e cidade como possibilidades de constante aprendizado e formação, associando valores como cidadania, participação social e melhoria de qualidade de vida (IPHAN, 2016, p. 5).



Por intermédio de conversas, entrevistas e de outros procedimentos realizados junto com a comunidade (que visavam sistematizar parte desses saberes orais), foi realizada uma listagem inicial, constantemente aprimorada ao longo da pesquisa. A comunidade indicou as ervas e plantas, seus nomes populares e seus usos. As informações foram obtidas através de entrevistas e conversas com onze moradores locais, em sua maioria agricultores, erveiros, rezadeiras e moradores mais velhos, Griôs, que nos informaram de forma oral e prática sobre o uso das plantas e ervas. As fotos presentes no site são de ervas existentes na horta comunitária e na casa do Seu Quincas.

Foram pesquisadas as seguintes espécies: a erva Macaé ou Maria da Glória ou também Rubim, a erva Cidreira, a erva de Santa Maria, o Guaco, o Boldo, a Arnica, a folha de Laranja da Terra (muito usada na culinária também, na produção de doces), Carqueja, Tanchagem, Espinheira Santa, Umbigo de bananeira, Aroeira, Erva Doce ou Funcho, Alecrim, Hortelã, Arruda, Manjerição, Hortelã Pimenta, Saião, Melão de São Caetano, Cana do Brejo, Folhas de Amora, Picão, Embaúba, Assa Peixe, Poejo, Carobinha ou jacarandá, Chapéu de couro, Pau ferro, Flor de mamão macho, Pitanga, Benzetacil, Panaceia, Romã, para citar alguns exemplos.

Resultados e Discussão

O trabalho de realização do inventário contribuiu, dentre outras coisas, para reforçar os laços identitários locais e promover conscientização dos jovens, que tiveram nova oportunidade de aprender sobre as riquezas presentes no território.

Das ervas estudadas no inventário, por exemplo, a erva Macaé ou Maria da Glória ou também Rubim, por exemplo, de acordo com Leonídia Insfran de Oliveira Carvalho, Alice Alves Franco e Áurea Alves, é usada para combater os males do intestino, estômago e fígado, além de curar inflamações no útero. É antifebril, antirreumático e é benéfica para as vias respiratórias. Também ajuda a emagrecer. Seu uso pode ser feito como chá, macerada ou preparada em sumo.

Indicada para pressão, cólica menstrual e como calmante, aliviando dores e tensões, a erva Cidreira é usada em chá para adultos e crianças. Para uma xícara de chá, são utilizadas 4 folhas. Ou para 2 litros de água um maço de folhas. Pode ser usado junto com outras folhagens. A artista local Carmem Paixão relatou sobre o uso dessa erva:

Aqui em casa, nós temos o hábito de tomar o chá da erva-cidreira. Essa é a planta da minha vida, da minha casa. Essa é minha planta medicinal preferida. E ela ajuda mesmo. Muitas pessoas usam para matar a fome. Na minha casa, nós usamos como calmante, para aliviar as dores e as tensões. Eu sempre uso e também dou para os vizinhos. Nós temos que nos voltar para o popular: contar a história dos nossos pais, dos nossos avós. Eu creio que, num futuro próximo, poderemos resgatar jovens e crianças para essa visão de plantar e de colher. E como faz? São 2 litros de água para um maço de folha de erva cidreira. Encha uma panela com água e deixe ferver.



Desligue o fogo e mergulhe a erva cidreira. Tampe a panela e espere esfriar um pouco. É só beber. (Pena *et al*, 2023, p. 47).

A erva de Santa Maria, segundo os relatos, é expectorante, auxiliando no combate a problemas respiratórios. Como shampoo, atua contra piolhos, carrapatos e pulgas. Macerada e misturada com leite, pode ser ingerida por pessoas ou animais para combater vermes. Também pode ser usada como emplastro (macerada com sal e vinagre) para melhorar machucados e torções. Alfavacão é considerada um expectorante e antialérgico. Normalmente usada como xarope ou chá para combater gripe, resfriados e pneumonia. A babosa é muito comum para uso em cabelos, mas atua também no controle de infecções e inflamações.

Seu Quincas (Joaquim Evaristo de Oliveira) ainda mantém a tradição herdada da mãe, Dona Cecília Maria de Oliveira, e de outros mais velhos, de fazer xaropes e garrafadas. Junto às ervas são misturados outros ingredientes, tais como mel, limão, banana, alho, cebola, cravo, canela e gengibre, para citar alguns exemplos. Para conservar a mistura podem ser utilizadas cachaça, própolis ou álcool de cereal, dentre outros. Seu Quincas, Seu José Nunes (Zé Erveiro), Seu Máximo Nunes de Oliveira e Seu Luís são erveiros ainda presentes no território, cultivando plantas e saberes.

Dona Julia de Oliveira é uma das últimas rezadeiras vivas da região, que segue usando as ervas de seu jardim nos atendimentos de quartas-feiras. Como ela, podemos citar Dona Bilina (in memoriam), Dona Candoca (in memoriam), Dona Elisia, Dona Nonola (in memoriam), Dona Iara, Dona Fezinha (in memoriam), Dona Deolinda, Dona Antônia Maria de Souza, Dona Senhora e o rezadeiro Seu Pedro da Caixa D'água (in memoriam) como pessoas que conheciam as propriedades e os poderes das ervas, usando-as para cura espiritual e do corpo.

Dona Artemis relatou que fazia xarope por encomenda, no fogão a lenha. O açúcar ou mel eram trazidos pelas pessoas que encomendavam. Em sua receita, misturava frutas como banana, figo, laranja da terra ou jabuticaba com alfavacão do campo, flor de mamão macho, casca de embaúba e outros ingredientes. Depois disso, coava e estava pronto o xarope.

Importa observar que o uso das ervas e plantas medicinais respeita as receitas das famílias, porém não substitui os tratamentos convencionais, podendo caminhar junto, valorizando os afetos e memórias familiares presentes nos seus usos.

A importância das ervas também motivou a produção do documentário “Cultivar é cultura”, no âmbito do Projeto Sertão Carioca, e de vídeos com os agricultores e agricultoras sobre os diferentes patrimônios existentes no Quilombo, a exemplo das hortas, a religiosidade, as festas, feiras, dentre outras.

Este inventário integra um conjunto de ações de preservação da cultura e tradições locais do território Dona Bilina, que contribui para o reconhecimento público do uso



e manejo das plantas medicinais adotadas por esta comunidade estabelecida há anos no Rio da Prata. Ao todo foram indicados 73 espécimes locais, mas apenas 15 foram disponibilizadas no site. O inventário é uma ação contínua, em permanente realização, que deve ser revisado, alimentado e ampliado a partir da participação da comunidade na construção de conhecimento coletivo.

Conclusões

A horta comunitária tornou-se um espaço de múltiplas funções. Além de prover alimentos e “remédios”, a horta também é provedora de conhecimentos, saberes e tecnologias; de identidades e ancestralidades; de encontros e diálogos; de produção de conhecimento coletivo; de fórum de debates; de acolhimento e apoio.

Resistindo a inúmeras ameaças e adversidades, além de ausências e projetos contrários, o uso de ervas e plantas seguem em atividade no Quilombo Dona Bilina, tornando-se também fonte de renda a partir da produção de produtos socioambientais.

Os saberes agroecológicos são patrimônio imaterial e sua forma de preservação é a prática, a sua realização, repetição e transmissão. Portanto, além de manter a horta comunitária, deve-se apoiar oficinas e outras formas de difundir o uso destas ervas e plantas medicinais, pois esses saberes são formas da manutenção da vida e do cotidiano das famílias de agricultores da região e um enorme potencial de fonte de renda para essa população. Por isso, entende-se que é de grande importância continuar pesquisas em relação a esses saberes e seus modos de vida, seus significados e relações com o território, fortalecendo assim as práticas identitárias da comunidade quilombola Dona Bilina.

Referências bibliográficas

ARGENTA, Scheila Crestanello et al. **Plantas medicinais**: cultura popular versus ciência. *Vivências*, v. 7, n. 12, p. 51-60, 2011.

ASPTA Agricultura Familiar e Agroecologia. **Cultivar é cultura**. YouTube: [s.n], 2022. Disponível em: <https://youtu.be/vm5RwZEmNeI>. Acesso em: 4 out. 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). **Educação Patrimonial**: inventários participativos : manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016. 134 p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf.

MONTELES, R. & Pinheiro, C.U.B. 2007. **Plantas medicinais em um quilombo maranhense**: uma perspectiva etnobotânica. *Revista de Biologia e Ciências da Terra* 7(2): 38-48.



MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. **Inventário**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/64/inventario>. Acesso em: 4 out. 2022.

PENA, Ingrid Almeida de Barros; et al. (orgs.) **Um olhar agroecológico e quilombola para a preservação ambiental**. 1ª ed. Rio de Janeiro: AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, 2023.